

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

CLEVERTON BORGES PEIXOTO

**Entre tensões e experiências: Uma reflexão sobre as aulas de
Arte no sistema prisional**

Fevereiro
2017

CLEVERTON BORGES PEIXOTO

**Entre tensões e experiências: Uma reflexão sobre as aulas de
Arte no sistema prisional**

Artigo final, apresentado a
Universidade Federal de Uberlândia,
como parte das exigências para a
obtenção do título de mestre.

Uberlândia, 16 de fevereiro de 2017.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

P379e Peixoto, Cleverton Borges, 1984-
2017 Entre tensões e experiências: uma reflexão sobre as aulas de arte no sistema prisional / Cleverton Borges Peixoto. - 2017.
19 f. : il.

Orientador: Mario Ferreira Piragibe.
Artigo (mestrado profissional) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Artes (PROFARTES).
Inclui bibliografia.

1. Artes - Teses. 2. Arte - Educação e ensino - Teses. 3. Prisioneiros - Educação - Teses. 4. Arte - Aspectos sociais - Teses. I. Piragibe, Mario Ferreira. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Artes (PROFARTES). III. Título.

CDU: 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

Prof-Artes



Entre tensões e experiências. Uma reflexão sobre as aulas de arte no sistema prisional.

Trabalho de conclusão defendido em 16 de fevereiro de 2017.

Prof. Dr. Mário Ferreira Piragibe – Orientador/Presidente

Prof. Dr. Wellington Menezes de Paula – UFU

Prof. Dr. Narciso Larangeira Telles da Silva – UFU

RESUMO

Essa reflexão refere-se a uma análise crítica a partir das aulas de Arte na Escola Estadual Padre Eduardo Jordi no Presídio de Araguari-MG. Aponto os desafios enfrentados ao longo de anos de trabalho; descrevo o espaço da escola, suas características e a forma como se desenvolve as aulas.

Abordo no decorrer do texto experiências que foram acontecendo durante os exercícios em sala. Cito as adversidades que se tornaram reflexões para se planejar as aulas tendo em vista as dificuldades abordadas no texto. Discute-se também toda a problemática que envolve os movimentos dentro da unidade e suas respectivas tensões.

Palavras-chave: Presídio, Arte, Experiência

ABSTRACT

This reflection refers to a critical analysis from the classes of Art in the State School Padre Eduardo Jordi in the Presidio of Araguari-MG. I point out the challenges faced over many years of work; I describe the space of the school, its characteristics and the way the classes are developed. I discuss in the course of the text experiences that were happening during the exercises in the room.

I cite the adversities that have become reflections in order to plan the classes in view of the difficulties addressed in the text. It also discusses all the problems that involve the movements within the unit and their respective tensions.

Keywords: prison, art, experience

1. Introdução

O que me motivou, enquanto objeto de reflexão para o mestrado, trabalhando numa escola que funciona dentro de uma unidade prisional, foi vislumbrá-la como lugar de experimentações e partilhas entre sujeitos e suas trajetórias. Desse modo, busquei, como pesquisador e professor de Arte, em um ambiente que se “intitula” ressocializador, refletir sobre situações e partilhar experiências com os alunos, reforçando a ideia de que a Arte consegue de forma singular estabelecer uma ponte entre a prisão e o mundo externo, considerando as diferenças que marcam esses dois espaços.

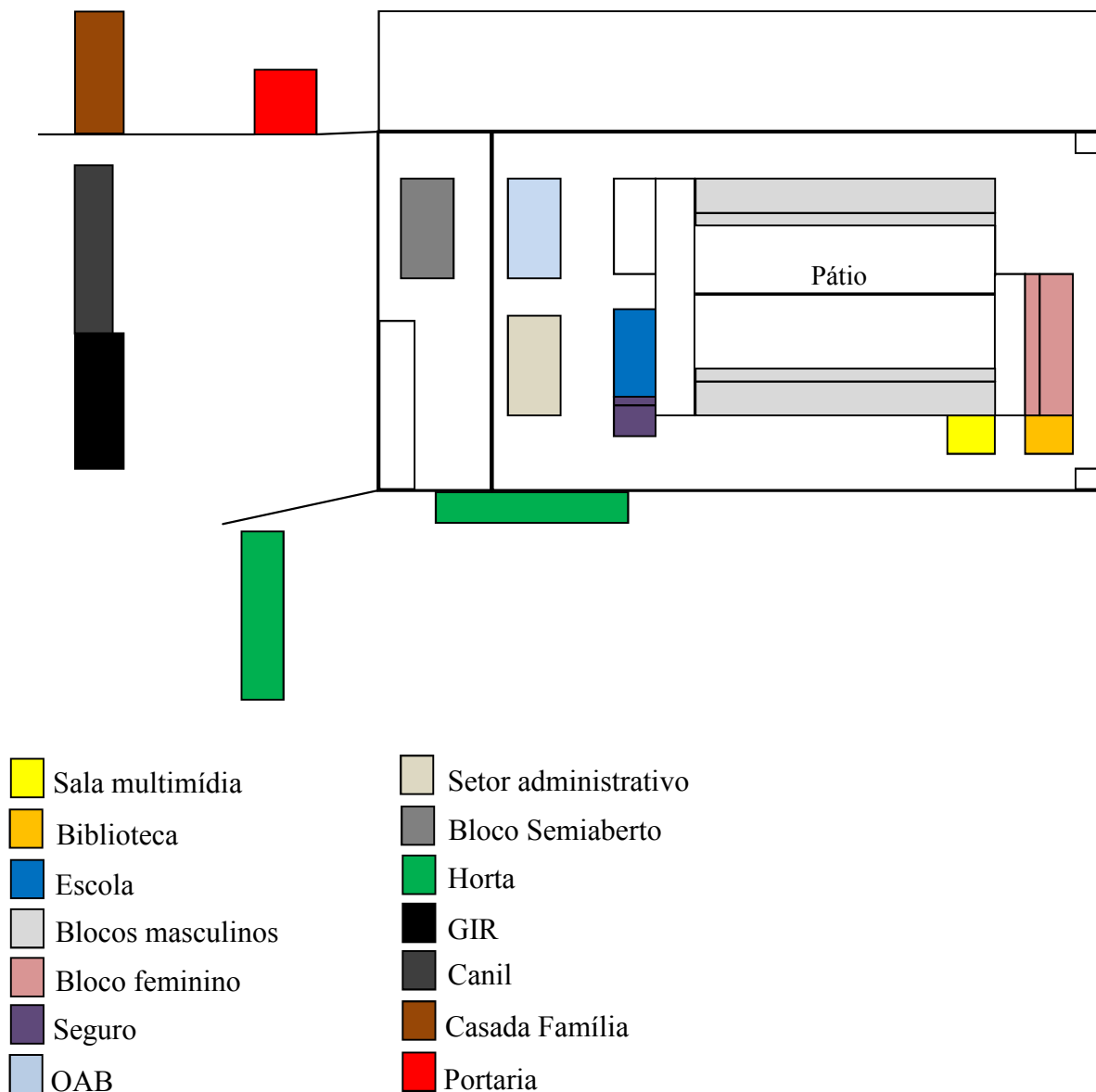
Uma das principais tensões dessa reflexão era lidar diretamente com os aspectos materiais existentes para que as aulas aconteçam de forma a contemplar os objetivos pensados durante a elaboração dos planejamentos. Assim, nesse artigo, busquei abordar os aspectos subjetivos das relações existentes no ambiente prisional - corpo-espaço - para discutir as reais condições para a execução do trabalho, considerando que no presídio impõem-se uma série de regras a serem obedecidas para que as aulas aconteçam.

Ao longo do trabalho, buscamos questionar o papel ressocializador da escola em meio as regras estabelecidas na unidade prisional perante os seus vários sujeitos. Nesse sentido, interrogamos até que ponto a ressocialização depende apenas de um plano de aula adequado ou de uma aula bem dada. Cabia investigar naquele momento a necessidade e o quanto deveríamos avaliar, no processo de readaptação do indivíduo, o aspecto pessoal da trajetória construída individualmente pelo aluno.

Outro ponto determinante da pesquisa foi refletir sobre a necessidade de estruturar as aulas pensando o espaço físico da sala de aula (com dimensões de 2m x 5m) como ambiente criador. Na verdade, a própria noção de espaço escolar acaba sendo um problema estrutural, considerando cada ambiente que constitui fisicamente a escola. A Arte visa despertar não só o desejo para se expressar num desenho ou numa música, mas expressar-se também no seu próprio corpo se integrando ao espaço. Qual a motivação para que isso aconteça? Como desenvolver essas habilidades num espaço marcado por privações de várias espécies, onde, por exemplo, se tem regras até para as necessidades básicas como se alimentar e ir ao banheiro? Acredito que essas são questões pertinentes que foram abordadas ao longo desse artigo.

Com essa pesquisa, busquei, de algum modo, contribuir com os demais professores que exerçam suas atividades em unidades prisionais, compartilhando saberes e práticas ao longo de oito anos como professor dentro do sistema prisional.

2. A caracterização do espaço e ressocialização



O Presídio de Araguari é dividido em dois blocos masculinos com oito celas em cada bloco, e um feminino com cinco celas. Cada cela tem capacidade para ocupar seis presos, mas atualmente ocupa por volta de 18 a 20 detentos. Além disso, existe um pequeno bloco chamado Seguro, composto por duas celas, destinado a presos que não se integram aos demais devido à natureza dos crimes que cometeram (estupradores e delatores). Entre os blocos masculinos, tem o espaço do pátio onde os detentos tomam banho de sol, praticam esportes e acolhem seus familiares durante as visitas que acontecem aos sábados e domingos alternando entre blocos A e B¹. No segundo semestre de 2016, o atual diretor do presídio iniciou a construção de um muro dividindo o pátio a fim de impedir a comunicação oral e visual entre os blocos. Tal medida foi tomada diante dos conflitos entre os detentos. Por conta dessa obra, a escola teve que alterar o seu calendário por falta de agentes para encaminhar os alunos até a escola.

Em cada bloco tem um corredor que faz ligação com todas as celas. Durante o dia, um preso denominado *Cela Livre*, fica por conta de estabelecer a comunicação entre presos e agentes, bem como a troca de objetos e comidas entre os presos.

Além dessa divisão, o presídio abriga a Escola Estadual Padre Eduardo Jordi, o setor administrativo da unidade, a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) e um pequeno bloco que abriga os presos em regime semiaberto². No espaço externo em torno do presídio, existe uma horta (onde alguns presos selecionados trabalham durante o dia), um canil (que aloja os cães que auxiliam o trabalho dos agentes), o GIR (Grupo de Intervenção Rápida – São responsáveis pelo controle de motins), a portaria e a Casa da Família (um espaço de abrigo para os familiares construído em 2015).

A Escola Estadual Padre Eduardo Jordi iniciou suas atividades em 2007 e adota o sistema EJA – Educação de Jovens e Adultos – como modalidade de ensino. Atualmente a escola conta com turmas de alfabetização, ensino fundamental e ensino médio. O espaço físico da escola é pequeno. São quatro salas onde cabem no máximo dez alunos cada e uma sala estabelecida para a diretoria, secretaria e professores. Além desses espaços, a escola conta com uma biblioteca e uma sala multimídia que ficam localizados em outro espaço distante das salas. Quando se iniciou as atividades na unidade, a escola contava apenas com duas salas de aula. Posteriormente essas salas foram divididas em quatro. Um terreno anexo ao muro do presídio, onde está localizada

¹ Dia de sábado bloco A e domingo bloco B. No outro fim de semana inverte

² Presos que trabalham durante o dia e retornam para passar a noite no presídio

a horta, foi doado pela prefeitura para a construção da escola no ano de 2013. Mas por falta de recursos, as obras ainda não foram iniciadas.



Figura 1: Salas 01 e 02 da E. E. Padre Eduardo Jordi, fotografado por mim.

Figura 2: Salas 03,04 e diretoria da E.E. Padre Eduardo Jordi, fotografado por mim.

No momento que o detento passa por uma entrevista com a pedagoga da unidade, é matriculado e começa a frequentar as aulas. Geralmente, essa entrevista acontece após trinta dias da data entrada do mesmo a unidade. A frequência do aluno é alternada em remissão. Cada dia na escola se converte em horas a menos na pena. A remissão acaba se tornando um incentivo para frequentar as aulas. Poucos são aqueles que vão por desejo de concluir os estudos. As aulas são divididas em três turnos com três horários de cinquenta minutos cada. As aulas de Arte acontecem uma única vez por semana e um horário em cada sala. Nas turmas de alfabetização, as regentes que são responsáveis pelo conteúdo da disciplina. O planejamento acontece de forma diferenciada ao ensino regular. Não apenas por ser EJA, mas pelo fato dos alunos estarem em um ambiente prisional. O papel da escola é também de auxiliar num processo chamado de ressocialização. A recuperação do detento, historicamente implica a disciplinar essas pessoas ditas criminosas. Todo esse sistema carcerário foi projetado de modo a tornar os “corpos dóceis”: “ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 2004, p.117).

Vale lembrar que a pena é privativa de liberdade, e não privativa da dignidade, do respeito e de outros direitos inerentes à pessoa humana. Se refletirmos melhor, é dificultoso o trabalho ressocializador diante a uma sociedade capitalista onde o

empregador, para contratar, julga a índole do cidadão. Ainda tratando de ressocialização, é preciso entender que não há uma forma efetiva para que isso aconteça.

Quando se trata da questão da ressocialização, não há receitas definitivas, mas, sim, possibilidades de ação, visto que esse problema não pode ser resolvido com fórmulas simplistas. Da mesma forma, não se pode atribuir às disciplinas penais o ônus de concretizar na totalidade a ressocialização do condenado desconsiderando a existência de outros programas e meios de controle que a sociedade e o Estado devem organizar com esse objetivo, seja por meio da educação, do aporte familiar ou religioso etc. (BACCARINI, 2012, p.13)

Penso que seja necessário de um trabalho em conjunto com a sociedade para que a ressocialização possa surtir algum efeito. Do que vale preparar o infrator para uma sociedade que não está preparada para receber o mesmo reabilitado.

A escola planeja em torno da preparação do indivíduo ao meio social viabilizando a integridade e independência do mesmo.

Uma das formas utilizadas para se trabalhar a ressocialização na escola é através de projetos. Alguns são feitos fora do horário de aula e com a família. Em 2016, foi realizado em outubro, o projeto do dia das crianças com os filhos dos detentos. Foram distribuídos presentes as crianças no espaço da família que fica do lado de fora do presídio no dia de sábado no final do horário de visitação. A maioria dos alunos partilha conosco a vontade de mudar de vida e voltar para a sociedade com sua situação regularizada. Muitos infelizmente voltam ao cárcere por falta de oportunidade do lado de fora. Voltam a cometer os mesmos crimes para o próprio sustento.

Outro projeto que consideramos ser bem sucedido dentre os outros, são os filmes. Há uma escolha de temas onde todas as disciplinas em conjunto trabalham ao mesmo tempo. Ao final, a culminância se dá através de algum filme onde o tema é o foco. Os alunos veem como diferencial e conclui-se que os filmes despertam discussões, principalmente se o tema for algo da vivência deles como preconceito, por exemplo. É notório o desejo de cada um de colocar pra fora o que pensam do sistema onde vivem, e na escola eles se sentem a vontade pra falar. O professor dentro de uma unidade prisional é visto como uma figura de confiança, um membro da família. Já aconteceu de diversas vezes o que foi planejado para o dia ser mudado porque simplesmente o aluno tem o desejo de contar sua história, de ser ouvido. Percebo então que suas histórias servem de roteiros para as próximas aulas.

Quanto à logística da cela até a escola, todo aluno passa por revista onde é necessário se despir antes e depois das aulas. Chegam algemados dentro de sala e, após a entrada de cada professor, as algemas são retiradas. Além de todo esse processo, dentro de cada um dos dois blocos existentes no presídio de Araguari, tem as celas que são formadas por alunos e trabalhadores de uma horta cultivada na parte externa da unidade.

3. O fluxo de experiências

Durante o período de graduação em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Uberlândia, meu trabalho de conclusão de curso aconteceu dentro do presídio em que trabalho. A pesquisa contemplava a correlação entre os desenhos feitos pelos presos em suas cartas para a família com o movimento de arte-postal. Durante esse processo, pude observar a ânsia de cada aluno/detento de apresentar a família uma pessoa que estava em processo de ressocialização. Cada desenho era uma forma de atestar como estava ocorrendo esse processo. O trabalho se prolonga até os dias de hoje como uma forma de pesquisa secundária e serve como avaliação formativa.

Dentro da disciplina, interajo com os alunos a partir de suas próprias histórias e dos trabalhos com o crochê que desenvolvem no interior das celas. Trabalho esse que aprendem dentro das celas com outros detentos. Lá produzem tapetes, jogos de banheiro e outras peças. O trabalho desenvolvido no crochê também conta como remissão. As peças são vendidas pelos familiares fora do presídio e o dinheiro retorna para o preso em forma de cordão para a realização de novos trabalhos. Esse trabalho com o crochê serve de ponto de partida quando abordo composição com eles.

A respeito do conteúdo da disciplina de Arte, a escola conta com material fornecido pela secretária de ensino de Minas Gerais, que é composto por um livro didático multidisciplinar para as turmas de Ensino Médio e específico para o Fundamental. O livro é totalmente voltado para o cotidiano do aluno que está fora do presídio, ressaltando que, não há um material específico para alunos das escolas prisionais. Além desse material, acrescento aulas com música e exercícios de desenhos. Utilizando o violão, instrumento no qual exerço certo domínio, trabalho a música de forma a ambientar o espaço. Em alguns alunos desperta o desejo de querer aprender a técnica do instrumento. Um exemplo disso é do aluno V, do sexto ano do ensino

fundamental, preso por assassinato e tráfico de drogas. Além dele, a sala é composta por mais três alunos. Um dia ele revelou o desejo de aprender a tocar o violão. Dispus-me então a ensiná-lo. Alterei o planejamento incluindo as aulas de musica em particular. Os demais alunos cumpriam o planejamento inicial de atividades. Ao longo das aulas, percebi o seu desenvolvimento de forma crescente e significativa. Percebi também a influencia que o instrumento estava exercendo em seu processo de ressocialização. Um dia, só ele estava presente na sala, e se sentiu a vontade de falar sobre a importância das aulas. Disse ter parado com o uso do cigarro e que despertou nele o desejo de mudar de vida quando sair. Confessou também o desejo de um dia poder cantar uma musica para a mãe. Diante desse exemplo (e de vários outros), que a escola tem sim um valor na vida de cada um que está ali buscando um desejo de mudança.

Além do conteúdo teórico e musical, o desenho é outro meio pelo qual eu proponho alguns experimentos. Materiais como tinta guache, lápis de cor, papéis coloridos e de diferentes gramaturas, com os quais os alunos criam possibilidades de expressão com temática geralmente acordada entre todos. Alguns alunos se propõem a expor seus trabalhos no espaço da sala para a apreciação dos demais colegas e professores dos outros turnos. Certa vez, um aluno do ensino fundamental, revelou que gostava de pintar telas. Preparei um material para que ele, durante as aulas de Arte, pudesse pintar dentro da sala de aula. O resultado foi um trabalho feito em cartolina que se tornou uma obra exposta na sala dos professores. Outros alunos também se arriscaram com a pintura e aceitaram bem o resultado.



Figura 1: Pintura feita pelo aluno A, 2014



Figura 2: Pintura feita pela aluna S, 2014

Todos os exercícios são avaliados de acordo com o processo de cada um. Um dos desafios enfrentados pela escola é o processo de rotatividade que acontece pelo fato

de ser um presídio. O presídio é o local destinado às pessoas que ainda não foram julgadas em definitivo, e aos que foram sentenciados, são encaminhados as penitenciárias. Mediante isso, todo trabalho da escola é pensado de maneira a contemplar esse espaço de tempo que o aluno frequenta a escola. Quando essa rotatividade acontece, todo trabalho é reiniciado independente da época em que o aluno ganha o alvará de soltura ou é transferido e outro é matriculado. Existe caso de alunos que ganham o alvará de soltura, mas acaba retornando por voltarem a cometer novos crimes. Quando isso acontece, o aluno volta ao ano onde parou e continua o estudo. Esse processo causa um transtorno a escola pelo fato de não haver um estatuto que rege as escolas prisionais.

Precisamos de uma proposta curricular que caracteriza-se por propiciar ao aluno várias oportunidades para desenvolver uma postura crítica e reflexiva diante das novas ideias, teorias e conhecimentos, contextualizando conteúdos e habilidades com a prática cotidiana, tendo como princípio a valorização da saber prévio daqueles que voltam a sala de aula, dando espaço as suas vivências e histórias. Uma vez reinseridos na EJA, esses alunos (detentos) devem ser estimulados a prosseguir, criando para si uma nova perspectiva de vida, devido ao aprimoramento de sua capacidade intelectual proporcionada pela possibilidade de melhora profissional, pessoal, social e familiar.(CÁSSIA, 2015, p.04)

Não existe um diálogo consistente entre as escolas prisionais. Cada uma trabalha segundo a sua realidade e sua demanda. Quando há um contato entre as escolas prisionais do estado de Minas Gerais, um dos questionamentos entre os professores é sobre o não recebimento do benefício de periculosidade que funcionários das unidades prisionais, mais precisamente da secretaria de segurança, recebem. Os professores são os únicos que trabalham com os detentos sem algemas. Existem escolas onde as salas de aulas foram planejadas tendo grades de separação entre alunos e professores, visando a segurança dos docentes. Esse não é o caso da escola Padre Eduardo Jordi, onde alunos e professores partilham do mesmo espaço na sala de aula, tendo pleno contato. É preciso dizer que, durante as aulas, um único agente penitenciário é designado para fazer a segurança dos professores e fica posicionado num ponto estratégico em frente as salas de aula de onde consegue ter uma visão geral.

Sobre esse ponto, cabe ressaltar que tivemos o caso de um aluno diagnosticado com tuberculose. Durante aproximadamente um mês ele frequentou as aulas e apresentou um quadro de tosse contínua. Assim que foi descoberta a enfermidade, todos os professores passaram por exames para detectar se houve algum tipo de transmissão.

Felizmente não houve nenhum tipo de contágio, seja dos seus colegas, dos agentes, ou dos profissionais da escola.

Ainda com relação ao espaço das salas, é preciso dizer que atualmente existem duas salas de aula em diferentes turnos que são multiseriadas³ chegando a reunir dez alunos no mesmo espaço. Esse foi o caminho encontrado para atender a demanda de alunos que buscam frequentar as aulas.

Ao longo dos anos em que trabalho na escola, muitos foram os professores que desistiram por não se adaptarem a forma de trabalho. Houve caso de professores que desistiram por desenvolverem problemas psicológicos diante a tensão do local. Aconteceu certa vez de o um aluno se masturbar dentro da sala junto com a professora. Imediatamente ela chamou o agente que recolheu o detento e retornou com ele para a cela. Posteriormente o aluno foi punido. A professora mudou de escola. Também já houve caso de professor ser ameaçado por aluno.

Perante a esses fatos e outros, que a contratação dos professores passa por um processo de entrevista e investigação social. A direção da unidade juntamente com a pedagoga realiza essa etapa. Para auxiliar a escola e o corpo administrativo do presídio, a direção de segurança, anualmente, realiza treinamento com os profissionais com simulações de fuga em caso de motim e procedimentos diante uma rebelião. Até hoje, não houve nenhum caso de rebelião. Quando há indício de motim, imediatamente toda a parte administrativa e escola é evacuada.

Ao longo dos anos trabalhando na escola Padre Eduardo, houve diversas mudanças significativas no presídio como: procedimentos, agentes e direção. Toda mudança atinge não só os presos, mas também a escola e a administração. Isso acaba interferindo no trabalho, pois é preciso se adequar as novas regras. Algo como um procedimento dentro das celas implica em não funcionamento da escola. Por diversas vezes tivemos que cumprir horários na escola sem a presença dos alunos.

Desde o início do funcionamento das atividades da escola, é obrigatório o uso de jaleco pelos professores e demais funcionários. Atualmente, foi proibido pela direção do presídio, a entrada de pendrives na unidade. Ferramenta que nós professores usamos constantemente tendo em vista que os diários são eletrônicos. Sendo assim, a escola é totalmente dependente da secretária de segurança. Toda e qualquer decisão tem que ser passada por uma avaliação da pedagoga e posteriormente da direção do presídio. Os

³ Turmas multisseriadas são compostas por alunos de séries diferentes estudando num mesmo espaço.

projetos são pensados de maneira a não descumprir nenhuma regra. Desde o material a ser usado, quanto as atividades que aconteçam fora do horário das atividades escolares também são planejados da mesma forma. Enquanto professor, me vejo numa situação de profunda limitação, tendo em vista que uma das nossas maiores funções é ampliar o olhar do aluno, suscitando seu senso crítico. Assim, o grande desafio de quem trabalha num ambiente desse tipo, é buscar sempre reinventar maneiras para motivar o aluno à produção artística, trabalhando em um espaço limitado de referências.

Ao longo da pesquisa, tive a oportunidade de estimular uma reflexão a partir de um ângulo direcionado a uma linguagem teatral. Em um primeiro momento, a proposta era uma oficina onde trabalharíamos com criação de bonecos para teatro de animação. A oficina aconteceria durante as aulas de Arte. A direção da escola juntamente com a direção do presídio e a pedagoga, aprovaram o projeto. Ao iniciar o trabalho, houve mudanças na direção do presídio e, posteriormente, mudaria também a direção da escola. O trabalho teve que ser repensado por conta disso. A cada mudança que há na direção, novas regras são adequadas.

4. Os corpos e os espaços

Todo e qualquer movimento do preso dentro ou fora da unidade é monitorado e cercado de ritos a serem respeitados. A cada rito, uma tensão. O uso do uniforme, a maneira como o corpo tem que se portar a partir do momento que sai da cela para desempenhar alguma função, enfim, são repetidos inúmeras vezes ao longo do dia. Os agentes também seguem ritos. A remoção de um preso, a revista e o cessar de um conflito. Todo procedimento carrega em si uma tensão. O presídio é um espaço de corpos tensionados onde o deslocamento exige ser trabalhado de forma a contemplar não só um acervo de regras, mas aos desejos naturais. Essa tensão se aplica a escola também. Um desafio encarado com destreza durante as aulas.

A questão de fato é repensar o espaço onde as pessoas que fazem parte dessa realidade não tem voz ativa nas transformações do mundo, tornando assim indivíduos que não exercem sua criatividade e ludicidade. Ainda com relação ao espaço do presídio, vale notar a limitação física do sujeito, que implica em uma série de dificuldades tanto emocionais quanto intelectuais.

Desse modo, o planejamento proposto aos professores no início do ano letivo consiste em elaborar exercícios adaptáveis ao espaço que se tem e direcionar o corpo a

afrontar os limites estabelecidos, propondo fundamentos aos movimentos de maneira a se compor expressões de forma a alimentar uma aspiração instituída. A regra era para todos os alunos independente do ano em que estivessem cursando. É fato que há uma série de dificuldades em se obter movimentos que contemplem o que foi planejado inicialmente. Num exercício proposto a um grupo de alunas, percebia claramente a dificuldade de se realizar movimentos simples como caminhar em uma linha. A aversão às opiniões gestuais dos expectadores (agentes de segurança e demais colegas de classe) remete a uma limitação direta no roteiro de ideias. Tais exercícios de experimentação tinham como proposta um olhar diferenciado para além das grades. Acredito que esse trabalho, com base nas experiências vivenciadas, pode contribuir para a transformação do sujeito. A esse respeito cito Larossa (2001):

De fato, na experiência, o sujeito faz a experiência de algo, mas, sobre tudo, faz a experiência de sua própria transformação. Daí que a experiência me forma e me transforma. Daí a relação constitutiva entre a ideia de experiência e a ideia de formação. Daí que o resultado da experiência seja a formação ou a transformação do sujeito da experiência. Daí que o sujeito da experiência não seja o sujeito do saber, ou o sujeito do poder, ou o sujeito do querer, senão o sujeito da formação e da transformação. (LAROSSA, 2011, p.07)

O autor destaca a importância da experiência do sujeito na medida que ela contribui ao mesmo tempo para a sua formação e nessa mesma medida para a sua transformação. A experiência se estabelece para cada um de forma singular e inigualável.

Se todos nós lemos um poema, o poema é, sem dúvida, o mesmo, porém a leitura em cada caso é diferente, singular para cada um. Por isso poderíamos dizer que todos lemos e não lemos o mesmo poema. É o mesmo desde o ponto de vista do texto, mas é diferente desde o ponto de vista da leitura.[...] O princípio de singularidade tem como corolário temporal o que poderíamos chamar de “princípio de irrepetibilidade”. Se um experimento tem que ser repetível, é dizer que, tem que significar o mesmo em cada uma de suas ocorrências, uma experiência é, por definição, irrepetível. (LAROSSA, 2011, p.16)

Ora, como nos mostra Larossa, a experiência jamais se repete, ela é, por definição, irrepetível tendo em vista o aspecto singular e pessoal do sujeito que a experimenta. Assim, o desafio do professor nas atividades propostas talvez seja o de agregar os objetivos dos exercícios com a singularidade da experiência vivida por cada

aluno. A cada prática surge um novo repertório de movimentos. Dessa forma, é possível se estabelecer novas possibilidades para a ocupação satisfatória do espaço transformando uma sala de aula minúscula em um amplo espaço cênico.

Quando se tem em mente o princípio de que é a partir do corpo do jogador que se irradia o espaço cênico, caem por terra equivocadas necessidades de “espaço adequado” para a ocorrência do teatro. É ele, jogador, quem ocupa, modifica, e, no limite, cria a área da representação. (PUPO, 2001, p.183)

O jogo, mesmo executado em um espaço físico considerado pequeno, pode carregar uma gama de significados que ultrapassam os muros de uma prisão. Partindo dessa premissa, prolongarei o trabalho iniciado em meio aos obstáculos, para fomentar questionamentos e solucionar conflitos que dificultam o processo de criação artística no espaço do Presídio de Araguari.

5. Considerações finais

Ao longo de todo trabalho realizado como docente na Escola Estadual Padre Eduardo Jordi, finalizo essa reflexão expondo uma necessidade de se repensar o ensino de Arte e suas práticas no sistema prisional de forma a contemplar conteúdo planejado de forma eficiente. Há uma gama de intervenções por meio do sistema prisional que fazem do trabalho um desafio a ser encarado com persistência e desenvoltura, desde o material, a logística, até o estímulo dos alunos para que as aulas transcorram em plenitude. A problemática do mesmo modo está na equipe de agentes que fazem a locomoção dos presos às salas de aula, à secretaria de ensino que não propôs ainda uma discussão concreta a fim de se estabelecer uma resolução que nos guie enquanto professores no sistema prisional. Acredito numa escola como agente ressocializador. Atualmente isso acontece de forma “clandestina”, onde o professor as vezes precisa burlar do próprio sistema de segurança afim de dar uma aula que seja apropriada para a necessidade do aluno e contemple o planejamento elaborado.

A aula de Arte é um meio bem-sucedido que auxilia o aluno no seu processo de ressocialização. A expressão se dá muitas vezes de forma artística. Existe uma tensão subliminar que impede o aluno de se manifestar devido à condição de cárcere.

Têm que se olhar para dentro desses muros e perceber as potências ali reprimidas. É preciso desarmar esses corpos tensionados e permitir novos movimentos ultrapassando limites.

Foi a partir das dificuldades e experiências que percebi que, a eficácia do trabalho, está em despertar no aluno uma visão redirecionada além dos muros. O ressocializar está em questionar o espaço, as regras a partir das experiências singulares na condição que se encontra moldando e projetando uma pessoa de pensamento crítico em mente e corpo. Estabelecer uma nova trajetória que envolva abrigar sentidos e ações fortalecendo os laços de interação humana, provocando o meio e revidando o que não é positivo.

O trabalho estenderá ao longo de mais um ano e enquanto puder ser realizado, afim de provocar mais discussões, visando alternativas de um fazer artístico em uma instituição que falha na promoção de estímulos inspiradores a sujeitos em (des)construção.

6. Referencias Bibliográficas

BACCARINI, Sônia de Oliveira Santos. O Sistema Prisional e a ressocialização. UNIPAC/2012

BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

CONCÍLIO, Vicente. Teatro e prisão: dentro da cena e da cadeia. **Sala Preta**, Brasil, v. 5, p. 151-158, nov. 2005. ISSN 2238-3867. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57273/60255>>. Acesso em: 10 jan. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v5i0p151-158>.

_____. Teatro e prisão: dilemas da liberdade artística. São Paulo: Hucitec, 2008

DE DEUS, Rita de Cássia José. Papel da EJA nas unidades prisionais. Projeto de intervenção apresentado ao curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos. Uberlândia: FAGED/UFU, 2016

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir – nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2004

LARROSA, Jorge. Experiência e Alteridade em Educação. 2011

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. O lúdico e a construção do sentido. **Sala Preta**, Brasil, v. 1, p. 181-187, sep. 2001. ISSN 2238-3867. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57023>>. Acesso em: 07 feb. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v1i0p181-187>.

SARTRE, Jean-Paul. O muro. São Paulo: Círculo do Livro, 1987